

A importância da música no fortalecimento de vínculos afetivos em famílias com bebês com Síndrome de Down

Raíssa Bisinoto Matias¹ e Ricardo Dourado Freire

Resumo: O trabalho com bebês e crianças Portadoras de Síndrome de Down (PSD) é significativamente marcado pelas relações afetivas dessas crianças com seus pais, mães e irmãos. A aceitação da criança e a superação do “luto” pela família são aspectos fundamentais para que o acompanhamento e estimulação precoce da criança PSD tenha êxito. Diante de tal premissa, o presente trabalho conduziu uma pesquisa qualitativa de bebês PSD em aulas de música com o objetivo de investigar o papel da música no fortalecimento dos vínculos afetivos familiares. A partir dos relatos das mães e observação das respostas das crianças, foi possível verificar que as atividades musicais tornaram-se muito importante para as famílias como mediadoras das relações afetivas. Além de estimular o desenvolvimento musical, cognitivo, social e psicomotor dos bebês, a música também teve impacto no desenvolvimento dos pais e mães, auxiliando estes na superação do “luto”.

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento afetivo, social, psicomotor e cognitivo da criança. Ao se tratar de crianças Portadoras de Síndrome de Down (PSD), o papel da família assume um peso ainda maior no desenvolvimento dessas crianças. Sabe-se que o período que vai do nascimento até os 18 meses de idade é o mais propício para acelerar o desenvolvimento de bebês PSD por contar com condições neurológicas favoráveis, ou sensíveis, à estimulação. Por isso todo o trabalho de estimulação precoce de bebês PSD investe todos os esforços numa verdadeira corrida contra o tempo. Nesse contexto, o fortalecimento das relações afetivas nos primeiros meses de vida é fundamental, para não dizer vital, para assegurar o processo de desenvolvimento cognitivo da criança PSD.

Esta pesquisa teve como foco de estudo a observação do ambiente familiar de bebês e crianças com Síndrome de Down, do ponto de vista afetivo, mediado pela presença da música. Essa observação baseou-se nas

¹ Bolsista CNPq do Programa PIBIC/UnB.

aulas de musicalização para bebês do programa *Música para Crianças*, da Universidade de Brasília. A partir das aulas de música, nas quais os bebês participam, geralmente, com um dos pais, os pesquisadores puderam estabelecer contatos com as famílias, a fim de verificar se a música faz parte de suas rotinas e se ela influencia suas relações familiares e o desenvolvimento dos bebês.

A interação musical é um processo contínuo de intercâmbio de experiências significativas entre pais, professores e crianças. Essa dinâmica é marcada pela afetividade, que serve como estímulo para o desenvolvimento global da criança e, também, de seus pais. Por isso, a musicalização, dentro da abordagem proposta, explora a integração familiar com o objetivo de reforçar os laços afetivos por meio das atividades musicais realizadas nas aulas. A participação dos pais é fundamental no processo de criação de vínculo entre afetividade comunicada por meio da música e o bem estar do bebê e da criança.

Voivodic considera importante que, desde os primeiros anos de vida da criança com Síndrome de Down, seja realizada uma estimulação precoce que “leve em conta seus diferentes modos e ritmos de aprendizagem, em função de suas necessidades especiais”². Segundo diretrizes do MEC/SEESP de 1995, estimulação precoce “é o conjunto de atividades e recursos humanos e ambientais incentivadores que são destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo”.³ Voivodic considera também que a família tem um papel de fundamental importância no desenvolvimento social, emocional e cognitivo durante o período crítico (primeiros meses de vida) das crianças PSD.

Porém, a família que recebe um novo membro portador de necessidades especiais nem sempre se encontra estruturada emocionalmente para oferecer esse ambiente afetivo favorável. Sentimentos de culpa, choque, negação, esperança, vergonha, rejeição e aceitação podem ou não estar presentes na reação dos pais de crianças deficientes ao ter conhecimento

² Maria Antonieta M. A. Voivodic, *Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down* (Petrópolis: Vozes, 2004), 46.

³ Renata A Bisceglia; Eliza D. Tanaka e Eliane M. Gaetan, Benefícios do trabalho fisioterapêutico preventivo junto ao bebê de risco através da orientação da mãe. In M. C. Marquezine, M. A. Almeida, S. Omote e E. D. O. Tanaka (Orgs), *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais* (Londrina: Eduel, 2003), 57-68.

do diagnóstico e estes sentimentos podem variar em duração e intensidade.⁴ Miller⁵ afirma que cada família se adapta à deficiência de acordo com sua cultura, sistema de valores e personalidade de cada membro. As autoras que o citam complementam que será necessário rever os valores, os antigos desejos e sonhos com relação ao filho, já que as famílias não estão preparadas para ter um filho portador de deficiências.

A partir de relatos iniciais das mães fica evidente que elas estão mais envolvidas na rotina das crianças PSD do que os pais, provavelmente em função da diferença entre as horas de trabalho de cada um. Outro fato importante é que as crianças em questão participam de atividades de estimulação precoce como acompanhamento fonoaudiológico, terapia ocupacional e fisioterapia desde os primeiros meses de vida, ressaltando a qualidade do acompanhamento oferecido pela rede pública de saúde do DF. A maioria das mães relatou que os médicos indicaram, desde o nascimento dos bebês, que elas colocassem muita música para eles ouvirem, como uma forma de estimulação. Foi marcante perceber que os bebês ouvem música ou participam de atividades musicais praticamente todos os dias.

As aulas de música para crianças PSD foram realizadas a partir da aplicação da metodologia do educador musical estadunidense Edwin Gordon⁶ que incentiva a interação musical com bebês desde o nascimento. “Quanto mais cedo os pais ou professores iniciarem uma criança na orientação informal que crie os alicerces da aprendizagem, melhor aproveitamento a criança tirará da educação futura.”⁷ Estudos sobre o desenvolvimento infantil demonstram que a mente humana desenvolve-se mais rapidamente nos primeiros anos da infância. De acordo com as pesquisas desenvolvidas por Gordon, “Uma criança nasce com um nível determinado de aptidão musical

⁴ Observar as pesquisas de Shaver (1993) e Carvalho (1998) em Rodrigues, Lopes, Zuliani, Marques e Combinato (2003).

⁵ Neudiceia A. S. Colnago e Zélia Biasoli-Alves, Necessidades de famílias de bebês com síndrome de Down- SD: subsídios para uma proposta de intervenção- parte I. In: *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais* (Londrina: Eduel, 2003), 1-14.

⁶ Edwin Gordon (1927-) realizou pesquisas na área de Psicologia da Música estabelecendo uma proposta de Teoria da Aprendizagem Musical, principalmente em seu livro *Learning Sequences in Music: Skill, Content, and Patterns* (Chicago: G.I.A. Publications, 1997).

⁷ Edwin Gordon, *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-nascidos e Crianças em Idade Pré-escolar* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000), 35.

que mudará de acordo com a qualidade do ambiente musical da criança até os 9 anos de idade”.⁸ Acrescenta dizendo que o processo de aprendizagem musical ocorre de maneira similar ao aprendizado de uma língua materna. “A criança deve estar exposta ao seu idioma e interagir com seus pais e familiares de maneira a desenvolver a capacidade de ouvir, seguido da fala e do domínio da linguagem”.⁹ Paralelamente, a aplicação destes princípios lingüísticos ao ensino de música oferece a possibilidade das crianças se familiarizarem com o idioma musical desde uma tenra idade, de maneira que a música seja absorvida como uma linguagem que seja natural para a criança. Nesse contexto, as aulas não abordavam aspectos de musicoterapia, mas focalizavam na interação musical entre adultos e crianças e também na performance e brincadeiras musicais dos adultos direcionadas para as crianças.

O projeto de pesquisa foi estruturado a partir de uma metodologia qualitativa de estudo de caso, com 5 famílias de crianças Portadoras de Síndrome de Down, três crianças que participaram do projeto no período de Outubro de 2004 a Julho de 2005 e mais duas crianças que participaram no período de Março a Julho de 2005. Na primeira etapa, foi priorizada a observação interativa das crianças e das mães nas aulas de música com 50 minutos de duração. Durante as aulas eram realizadas atividades musicais lúdicas e afetivas, de modo a proporcionar o desenvolvimento musical dos bebês e a interação com as mães. Todas as aulas foram filmadas para análise posterior.

Houve muitas conversas com as mães (pois eram elas que sempre estavam presentes) a respeito das especificidades de suas crianças. A partir dessas conversas informais foi elaborado um questionário baseado na história de vida do bebê desde o nascimento e sua rotina. A primeira entrevista foi realizada após 4 meses de aulas com 3 mães de crianças com 9, 14 e 32 meses na data da entrevista. A segunda entrevista foi realizada após 11 meses de aulas, quando foram entrevistadas três das quatro mães entrevistadas da primeira vez mais duas mães de crianças (uma de 3 anos e outra de 9 meses) que entraram no curso depois de iniciada a pesquisa..

O primeiro questionário elaborou demonstrou-se insatisfatório na obtenção dos dados, pois no tocante aos sentimentos dos pais e suas relações

⁸ Edwin Gordon, *Teoria de Aprendizagem Musical...*, 48.

⁹ Edwin Gordon, *Introduction to Research and the Psychology of Music* (Chicago: G.I.A. Publications, 1998).

com os bebês, mediadas pela música, ele parece ter sido superficial. Após análise da proposta de Silva¹⁰, que realizou pesquisa com famílias de crianças pré-escolares PSD, foi elaborado um segundo questionário semi-estruturado, que foi aplicado no final do primeiro semestre de 2005. No roteiro da entrevista semi-estruturada, constavam questões que abordavam aspectos da gravidez, a descoberta pela família da SD, o processo de superação do luto, o processo de envolvimento com as aulas de música, a relação da família com a música, as atividades musicais realizadas em casa, o humor da criança e as expectativas quanto ao futuro da criança.

Após entrevista em formato de conversa informal com as mães, observamos três pontos mais marcantes: a aula de música, a relação com a música no ambiente familiar, e a superação do luto. Organizamos dessa forma, com relatos das próprias mães sobre suas experiências de vida com as crianças, uma análise do processo de interação musical das famílias.

A aula de música

As aulas de música aconteceram uma vez por semana, no período de setembro de 2004 a julho de 2005, com os bebês acompanhados, na maioria das vezes, por suas mães. Todos se sentavam em círculo no chão, em tapetes de borracha coloridos. A aula começava com uma acolhida de cada uma das crianças com a música de Boa Tarde, que cumprimentava cada criança pelo nome. Depois o professor –sem explicações nem conversas– começava a cantar outra canção, desta vez sem letra, fazendo movimentos fluidos com os braços. A próxima poderia ser uma melodia com letra ou gesto que propiciasse o contato com as crianças: o toque, o estabelecimento da relação afetiva. A atenção dos bebês era incrível. A aula tinha música o tempo todo. Algumas canções com letras, brincadeiras, canções folclóricas e também a presença de fantoches para interagir com as crianças. A cada música, uma surpresa: movimentos do corpo, chocalhos, lenços coloridos, brinquedos, balões, fitas coloridas, bolas, uma variação de instrumentos musicais e muitas brincadeiras.

Para as mães, conforme os depoimentos, a aula de música é um momento de prazer para elas e para as crianças, é um ambiente que propicia o desenvolvimento dos bebês e é, ainda, um ponto de encontro que as mães de crianças PSD têm para trocar experiências e aprender umas com as

¹⁰ Nara Liana Pereira Silva, “Crianças pré-escolares com síndrome de Down e suas interações familiares” (Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2000).

outras. Para a mãe da Laura¹¹, a aula de música também é um momento muito especial para estar junto com a filha:

Pra mim foi um encantamento pela alegria, pelas brincadeiras com as crianças, pela música como é... um instrumento de comunicação, sabe? E o lúdico mesmo de você ver as pessoas, não só as crianças, mas todo mundo brincando, né?... Muito interessante pela questão da vinculação dos som, das cores, com os movimentos, dos sorrisos, dos olhares. É muito mágico o momento, pra gente mesmo. Pela música e pela presença da Laura. Então eu fico namorando a Laura o tempo todo, querendo que ela vivencie o máximo: por onde eu olho pra ela, onde que eu sento pra que ela participe melhor da atividade, o que que eu faço pra que ela mexa as mãozinhas e não eu, diante de um ritmo, então fica as duas coisas muito indissociáveis: a música e a minha relação com ela.

Quando os brinquedos chegam perto, que ela fica excitadíssima, e aí fica olhando aquilo com encantamento mágico - que é esse bichinho que tá mexendo aqui na minha frente - com a música junto, é muito legal. [...] É a gente comunga com os outros, compartilha as alegrias, fica a vitória coletiva. É uma oportunidade que a gente tem de trocar várias experiências. (Gizele, pediatra, mãe da Laura, de 9 meses).

A mãe do João Pedro fala sobre a importância da aula de música no desenvolvimento psicomotor e cognitivo das crianças:

Eu achei assim muito interessante, muito bom mesmo pro desenvolvimento dele em todos os aspectos. Ele passou a falar mais também, depois que ele entrou na aula de música. Quando você canta, você trabalha ritmo, se você trabalha ritmo você trabalha ritmo de fala também, entendeu? Quando vocês brincam com aqueles lenços... o que trabalha as cores, né? O simples fato da gente estar naquele círculo, e a criança ir até o outro está trabalhando espaço, noção de espaço, tempo, quando tem o início da música e o fim. Enfim, tudo isso colabora pro desenvolvimento da linguagem, né? Tanto a compreensão das coisas, porque tem a linguagem compreensiva, né, e a linguagem falada, quando você fala e a linguagem escrita. Futuramente, não agora, futuramente vai fazer com que ele tenha noção de espaço na hora da escrita, enfim. São várias coisas que são trabalhadas, com certeza. (Maria Paula, fonoaudióloga – mãe do João Pedro, de 3 anos).

As outras mães comentaram sobre o interesse que sentem que as crianças têm durante as aulas, o quanto se sentem à vontade e ficam aten-

¹¹ Os nomes foram substituídos por nomes fictícios para preservar as identidades das crianças e das mães.

tas. Vêm claramente vários aspectos que as crianças desenvolveram depois que entraram na aula de música. Por exemplo, a Cecília (contadora) comentou que foi na aula de música que o Leo, seu filho, ficou sentado sozinho por mais tempo pela primeira vez. Ela atribui isso ao fato da aula de música chamar muita atenção do seu filho e por ele gostar muito de música. A Luciana, mãe do Caio, e a Celina, mãe do Ícaro, também disseram que seus filhos adoram música.

O encontro de várias mães e crianças em um ambiente dedicado ao desenvolvimento do grupo permitiu que fosse estabelecida uma rede de apoio entre as famílias das crianças. A troca de telefones, as conversas após as aulas, as caronas entre as mães, o apoio no momento de trazer crianças quando uma das mães tinha que trabalhar tornaram-se fatores de fortalecimento dos vínculos coletivos dentro do grupo participante das aulas de música.

Acaba a aula e a gente não consegue sair imediatamente. A gente fica conversando. Como a gente não tem fóruns específicos de mães pra isso, ali vira um fórum informal. Conheci a Maria Paula, fizemos o transporte solidário, fiquei sabendo que ela era fonoaudióloga e ela que tá cuidando da Laura agora. E o João Pedro tá na mesma escola que a Laura. A gente vai no mesmo horário, eu encontro com ela lá, a gente fica conversando. As pessoas se orientam um pouco pelo que acontece lá. [...] A gente tem uma associação de Down virtual em Brasília e uma associação de crianças especiais em gerais. Mas a gente tem umas necessidades tão específicas e não tem um fórum assim, e essa é uma oportunidade lá no grupo. (Gizele, pediatra-mãe da Laura, de 9 meses).

Relação com a música no ambiente musical em casa

Todas as mães contaram que, apesar de seus maridos não participarem durante as aulas, são muito participativos em casa e carinhosos com as crianças e, assim como elas, gostam muito de música. A mãe do João Pedro disse que sempre escutou muita música, desde quando ficou grávida do João Pedro. Outras mães começaram a ouvir mais música depois do nascimento dos bebês. E há ainda o caso da Gizele, que apesar de sempre ter gostado de música, ficou muito tempo distante dela, e agora, depois que a Laura entrou na aula de música ela redescobriu seu antigo prazer.

O programa *Música para Crianças* preparou três CDs com as músicas que são cantadas nas aulas. Esses CDs são passados para os pais, que, por identificarem essas músicas com a aula, gostam de colocar em casa

para as crianças ouvirem. Segundo as mães, as crianças também identificam. Eu também pude observar isso quando fui entrevistar a Maria Paula na casa dela. O João Pedro estava na sala também. Então ela colocou o CD das aulas. Enquanto nós conversávamos, eu percebia as reações do João Pedro a cada música. Ele reproduzia os gestos de cada música, e falava algumas palavras relacionadas. Foi muito interessante observar isso no ambiente familiar. Ela me disse que todos os dias eles ouvem música. Eles têm muitos DVDs em casa e, segundo ela o João Pedro adora ficar assistindo. Maria Paula disse que gosta de fazer tudo cantando: na hora de fazer o João Pedro dormir ela canta, e ele canta junto; na hora de escovar os dentes, ela canta uma música que ela mesma inventou, e, disse, quando ele ouve, já sabe que é pra escovar os dentes.

A Cecília, mãe do Leo, disse que ela e seu marido ficam mais tempo com o filho de manhã e à noite, quando eles brincam, fazem os exercícios de estimulação, colocam músicas, cantam as músicas da aula (principalmente o “Bom Dia” e o “Oi tchau tchau”) e ele gosta de tocar um tamborzinho. Nos finais de semana, colocam DVDs infantis com música e várias imagens coloridas. Segundo ela, às vezes o Leo já acorda fazendo o gesto da música do pintinho amarelinho, que aprendeu na clínica de estimulação. Disse que todas as pessoas da família já sabem e têm que cantar essa música, pois ele pede o tempo todo.

Ficou claro que mesmo as famílias que já contavam com a presença da música em casa, depois da vivência das aulas de música, tiveram um aumento de momentos juntos mediados pela presença da música. A Celina (professora), mãe do Ícaro, comentou que, por ela e seu marido serem evangélicos, todos os dias se reúnem com os dois filhos – o Ícaro e seu irmão mais velho, de 6 anos – para cantar músicas religiosas. Além disso, sempre põe o CD das aulas para tocar e percebe que seu filho reconhece as músicas, fica prestando atenção e gosta muito de ouvir. O lado religioso como mediador da música também foi observado na família de Maria Paula e Luciana, que são católicas. Elas gostam de levar as crianças à Igreja e também de cantar com as crianças as músicas que são cantadas lá.

A Luciana (bióloga), mãe do Caio, relatou que todos os dias o Caio ouve música. E todos os dias ela preza por ter um momento em que a família esteja reunida. Disse que seu marido trabalha muito, e às vezes chega à casa cansado, mas mesmo assim, buscam ter esse momento à noite, quando Caio e sua irmã mais velha, de 5 anos, gostam de brincar de tocar instrumentos como tambor e o pianinho. Eles ouvem o CD das aulas e

gostam de cantar o nome do papai e da mamãe na música do Bom Dia, que é cantada em todas as aulas, com o nome de todas as crianças.

Geralmente, só as mães vão às aulas com as crianças, mas a mãe da Laura voltou a trabalhar e não queria que a filha deixasse de ir às aulas. Então, combinou com seu marido que ele passaria a levá-la. Ela conta aqui com foi para ele a experiência na aula de música e que mudanças trouxe para sua vivência com a Laura em casa:

E o pai, que não tava entendendo muito bem o que tava acontecendo, quando eu voltei a trabalhar, que tem um mês, eu pedi que a Laura não deixasse o grupo, que ele organizasse pra levar e ele levou, e foi muito legal porque vivenciou o trabalho e sentiu prazer em estar lá também. Então eu já vi assim o cd tocando - porque eu coloco pra fazer alguma coisa - e ele com ela cantando porque reconheceu que aquela música é do grupo, e tal. Então houve um envolvimento e uma aproximação dele com essa nossa estimulação musical. Ele chegou perto da Laura cantando com ela a música de lá. Então foi bom pra todo mundo, disse eu não tenho dúvida.

Superando o luto

Todas as mães relataram que os primeiros meses são um período difícil, em que sentiram tristeza, pois esperavam um outro bebê, e medo do preconceito que seus filhos poderiam sofrer que é definido como um período de luto referente aos profundos sentimentos de perda que aflige a família dos bebês com SD.

Assim de início foi difícil, pra aceitar, né? Não sei, de início me deu um bloqueio, que eu não conseguia falar a palavra Síndrome de Down. A gente conversava, eu mais o César, assim, eu ficava calada, pensando, eu não tinha coragem de falar a palavra, sabe, me deu um bloqueio que não saía a palavra. A gente falava, falava mas não saía o nome. Então, foi assim um sentimento de muita tristeza, no início foi. [...] Eu conhecia sim porque eu sou Bióloga, né, então eu dava aula, assim falava muito sobre Síndrome de Down, tinha conhecimento, mas quando aquilo acontece com você é diferente, é uma realidade, você fala assim, mas não tem aquilo na sua família, aí quando acontece, né, é diferente. Isso é complicado, porque você não espera um filho com Síndrome de Down. Você espera um filho lindo, maravilhoso. A gente não espera isso. É um egoísmo da parte da gente. Mas hoje eu vejo que é uma bênção, vejo que ele tá desenvolvendo bem, sabe, muito esperto, super bem, graças a Deus! (Luciana, mãe do Caio)

A Cecília, mãe do Leo, e a Celina, mãe do Ícaro, falaram mais a respeito do medo que sentiam do futuro de seus bebês. Medo do preconceito que poderiam sofrer. Essa hipótese causou e causa ainda nelas muita dor. Porém todas as mães mostraram que superaram esse período de aceitação, por terem sido, a cada dia, a cada conquista, encantadas por essas crianças.

Como fala até aquele filme que tem “do luto à luta”: é um sentimento de luto que você tem pelo filho que você esperava, né? Você espera um bebê lindo, perfeito, e tal, então de repente vem com problema... (Maria Paula, mãe do João Pedro)

Um fator muito importante nesse processo foi o que as próprias mães disseram a respeito das aulas de música: o contato com outras mães e com outras crianças, e a mútua aceitação de cada criança do jeito que é, e a celebração coletiva das vitórias de cada uma. Podemos dizer que a música se tornou uma das atividades mais presentes no dia-a-dia familiar e que ela pode ter contribuído para a superação desse luto.

Ela foi conquistando o espaço real dela, à medida que ela foi se desenvolvendo e marcando lugar: “olha mamãe, pára de ficar lembrando desse bebê que não chegou, eu estou aqui, e cuide bem de mim, eu sou linda, eu te amo”. Então, chamava o tempo todo, a ponto desse luto por esse bebê imaginário ir se perdendo. (Gizele, mãe da Laura).

Observamos que as famílias acompanhadas demonstraram, desde o princípio, preocupação em amar muito essas crianças, mesmo passando por momentos de sofrimento. Porém, foi notório que houve um amadurecimento em cada família e um aprofundamento dos vínculos afetivos, mediados pela vivência da música. Essas crianças, na verdade, ensinaram não só aos pais, mas também a nós professores, que a vida é muito maior do que se pensa. Que a alegria não está somente nas conquistas intelectuais, ou físicas, mas no carinho, no afeto, na simplicidade de um sorriso, que essas crianças sabem dar como ninguém. Todas as mães relataram que suas crianças são muito felizes: acordam sorrindo e vão dormir sorrindo, como foi dito por mais de uma mãe.

Conclusão

O processo de convivência com as famílias nas aulas de música, durante esse ano que passou, foi uma experiência muito rica. Pudemos observar o que pretendíamos e nos surpreender com os resultados encontrados. Acompanhamos o crescimento desses bebês tão especiais! Nesse meio

ambiente afetivo, que funcionou como um ninho, vimos esses pequenos filhos se desenvolvendo no âmbito social, psicomotor e cognitivo.

Nesse período da vida das crianças a estimulação precoce é muito importante. E é claro que só a aula de música não pode suprir todas as necessidades. Elas realizam várias atividades durante a semana: estimulação, tratamento fonoaudiológico, fisioterapia, natação, além da aula de música. Porém, percebemos que esta é uma atividade que permeia todas as outras e a rotina de casa, pois se estende além das atividades das aulas, trazendo o lado lúdico e artístico, de estar em contato com a música e ter um momento de leveza, colorido e liberdade.

A aula de música tornou-se uma atividade muito importante para as famílias, já que serviu para o desenvolvimento afetivo das crianças e dos pais, auxiliando também na superação do luto; estimulou o desenvolvimento musical, cognitivo, social e psicomotor dos bebês; e serviu ainda como um fórum informal de mães de crianças com necessidades especiais, o que influenciou toda a vida dessas crianças, além de ter contribuído para o enriquecimento do ambiente afetivo e musical das famílias.

Referências Bibliográficas

Bisceglia, Renata A; Eliza D. Tanaka e Eliane M. Gaetan. Benefícios do trabalho fisioterapêutico preventivo junto ao bebê de risco através da orientação da mãe. In M. C. Marquezine, M. A. Almeida, S. Omote e E. D. O. Tanaka (Orgs). *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais*. Londrina: Eduel, 2003. 57-68.

Colnago, Neudiceia A. S. e Zélia Biasoli-Alves. Necessidades de famílias de bebês com síndrome de Down- SD: subsídios para uma proposta de intervenção- parte I. In M. C. Marquezine, M. A. Almeida, S. Omote e E. D. O. Tanaka (Orgs). *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais*. Londrina: Eduel. 2003. 1-14.

Gordon, Edwin E. *Introduction to Research and the Psychology of Music*. Chicago: G.I.A. Publications, 1998.

———. *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-nascidos e Crianças em Idade Pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.

Rodrigues, Olga M. P. R.; Alessandra de A. Lopes; Giovana Zuliani; Luciana C. Marques e Denise S. Combinato. Pais de bebês com anomalias craniofaciais: análise das reações após o nascimento e atualmente. In M. C. Marquezine, M. A. Almeida, S. Omote e E. D. O. Tanaka (Orgs). *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais*. Londrina: Eduel. 2003. 15-22.

Silva, Nara Liana Pereira. “Crianças pré-escolares com síndrome de Down e suas interações familiares”. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. 2000.

Voivodic, Maria Antonieta M. A. *Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down*. Petrópolis: Vozes. 2004.